

Matheus Comparatto: “Os pilotos brasileiros não têm muita projeção no exterior”

Apesar de as categorias no Brasil não garantirem visibilidade aos pilotos, a Fórmula 4 é um destaque midiático

Por Malu Carvalho e Felipe Scofield



Vitória de Comparatto em Interlagos no fim de semana do GP de São Paulo. Fonte: Motorsport.com

A Fórmula 4 Brasil é o primeiro passo para jovens pilotos que saem do kart rumo a um caminho profissional no automobilismo. Sob licença da Confederação Brasileira de Automobilismo (CBA) e organizada pela Vicar desde 2022, foi responsável por revelar talentos que hoje competem em outros torneios pelo mundo. O atual líder do campeonato, Matheus Comparatto, 17 anos, é o maior vencedor da história da categoria e busca uma vaga no exterior para a próxima temporada. O objetivo final do piloto da equipe Bassani é subir a escada das Fórmulas até alcançar a Fórmula 1 e, para isso, conta com a projeção midiática que a F4 pode proporcionar.

A ascensão para categorias europeias e mundiais é a meta de muitos pilotos brasileiros, e o principal caminho é dar visibilidade ao cenário nacional para que mais oportunidades e patrocinadores surjam. Apesar da dificuldade de lançamento dos pilotos ao mercado

estrangeiro, a situação tem se revertido com a realização das últimas três temporadas da F4 no Brasil. Outro facilitador foi o crescimento de nomes como Felipe Drugovich e Gabriel Bortoleto no contexto da Fórmula 1. Desde 2022, oito pilotos que competiram na F4 brasileira tiveram experiências ou competem como titulares no exterior.

Comparatto pretende se juntar a esse grupo caso vença o título deste ano, na última etapa, em Interlagos. Ele espera que a conquista facilite o surgimento de oportunidades de vaga no exterior. “Tenho que focar na F4 brasileira ainda, mas a ideia principal é correr na Europa”. O piloto acredita na importância da mídia para o sucesso dos brasileiros no ramo e citou alguns pontos que fazem a Fórmula 4 Brasil se destacar neste quesito.

Leia a entrevista na íntegra:

Como a mídia da Fórmula 4 Brasil ajuda a promover os pilotos?

A Fórmula 4 do Brasil tem uma mídia muito boa que eu não vejo em nenhuma outra Fórmula 4. Tanto no Instagram quanto no YouTube. É muito difícil encontrar esse nível de conteúdo em qualquer outra categoria. A série “F4: Future 1” é uma coisa que se diferencia muito das outras categorias, com a mesma proposta de “Drive to Survive”, da Netflix. Por ser a primeira categoria de base, isso diferencia muito.

Existe alguma limitação dos carros da F4 Brasil em relação aos do exterior?

O carro é padronizado para todos os campeonatos de Fórmula 4 do mundo. O Brasil tem alguns limites na parte de ajustes do carro, mas, em relação ao restante, não perde em nada. Tudo é igual, é um carro muito tecnológico. Mas a F4 brasileira tem uma limitação na quantidade de carros. Todos os carros são da Vicar e, por serem caros, não são ilimitados. Se tivessem mais carros e mais equipes, a gente conseguiria ter mais pilotos, e talvez poderia ser uma Fórmula 4 não só do Brasil. Apesar de ter um piloto estrangeiro, não chega a ser uma F4 da América Latina inteira.

Como as categorias europeias enxergam o mercado de pilotos brasileiros?

Os pilotos brasileiros não têm muita projeção no exterior. De fato, a gente tem pouquíssimos que estão na Europa e que chamem atenção para a categoria nacional. Não são os 13 pilotos da F4 que vão sair daqui. É uma minoria que vai. Mas ter um bom desempenho é muito importante. Não tem muito segredo, você tem que correr atrás. É muito difícil virem até você.

Quanto mais você aparece, mais você está no olho de outras pessoas e de patrocinadores. A gente sabe que a Fórmula 4 Italiana é a mais conhecida e a mais disputada. Todo mundo quer correr lá. Tem que ver até que ponto vale a pena em relação à questão financeira e de tempo. Se a F4 tivesse um *grid* maior, seria mais fácil.

Qual é o maior desafio enfrentado pelos pilotos brasileiros para que cheguem a competir na Europa?

A Europa é muito difícil pelo fator financeiro. Ter uma moeda muito desvalorizada aqui e chegar lá com tudo seis vezes mais caro torna muito inacessível. Isso faz com que muitos pilotos se endividem. Falta um pouco de apoio aos pilotos brasileiros. É difícil encontrar marcas que queiram patrocinar ou que tenham como patrocinar. Isso dificulta bastante. Os 12 pontos da superlicença que você ganharia na Fórmula 4 de lá, você pode ganhar na Fórmula 4 do Brasil. Tem que colocar na balança se vale o risco. São poucos os caminhos para crescer, é um custo que você vai ter em algum momento.

Qual é o nível de dificuldade que os pilotos brasileiros enfrentam para conseguir os 40 pontos necessários para adquirir a superlicença?

Quanto mais você vai subindo de nível, mais difícil fica. A Fórmula 4 não é considerada uma categoria mundial, ela é regional, então é mais fácil garantir os 12 pontos do que garantir os 40 pontos da Fórmula 2. Para um piloto conseguir os 40 pontos necessários, o principal é estar competindo. Um *grid* muito difícil dificulta para todos, se você não for um piloto bem preparado, vai ser difícil conseguir os pontos da superlicença.

Como está o processo para os brasileiros chegarem à Fórmula 1 hoje?

Agora pode ter ficado um pouco mais fácil pelo fato de ter um brasileiro na Fórmula 1. Isso facilita o caminho dos brasileiros. Mas, mesmo assim, ainda é algo bem difícil. A gente percebe o quanto o próprio Gabriel Bortoleto trabalhou para estar lá. O desempenho dele ao longo dos anos foi fundamental para conquistar essa vaga. É 100% mérito e tem que ter muita garra para conseguir.

A F4 correu no mesmo fim de semana que a Fórmula 1 em Interlagos, de que forma essa experiência agregou para você?

Foi o fim de semana da F4 em que eu mais ganhei seguidores, foram mais de 500. No sábado, em específico, ganhei mais por conta da minha vitória. Mas o mais legal é ver o carinho do público, que acaba sendo muito maior por conta da Fórmula 1. A visibilidade que isso traz para a categoria é muito ampla. É muito positivo.

Como precisa ser a sua postura nas redes sociais? Você acha que isso pode definir a sua carreira e o seu crescimento?

Hoje em dia, a rede social, para o piloto e para qualquer esportista, é o maior meio para conseguir reconhecimento e patrocínio. O automobilismo está virando uma zona de influência digital. É um mundo que está ganhando mais reconhecimento com o passar dos anos. Isso é muito importante para os jovens que querem ter uma carreira profissional. A rede social é o meio mais fácil de mostrar o seu dia a dia, que é o que as pessoas gostam de ver. O *post* que eu mais tenho visualizações e curtidas é uma foto em que não estou de macacão nem capacete.

A Fórmula 4 brasileira tem apresentado cada vez mais pilotos mulheres. Como o público tem enxergado isso?

O interesse do público feminino está cada vez maior. O número de mulheres que participam do esporte está crescendo, e com isso a gente desconstrói a visão de que automobilismo é um esporte só para homens e atrai mais competidoras e espectadoras. Desde o primeiro ano, a F4 brasileira tem mulheres competindo, e o número só aumenta. Já existe uma categoria só para elas, a F1 Academy, que a própria Aurélia Nobels (ex-pilota da F4 Brasil) corre. Elas vêm conquistando espaço no esporte e estão evoluindo, dando trabalho para os homens. E isso é muito bom para a Fórmula 4 do Brasil.

Faltam duas etapas e você está na liderança com sete pontos de vantagem. Como você está lidando com essa briga pelo campeonato?

Eu jogo com os sete pontos que eu tenho na mesa. Eu nunca estive nessa posição de correr liderando o campeonato do início ao fim. É muito complicado, não só para a cabeça, mas para a equipe ter sempre um carro bom e não poder errar. Temos que minimizar os erros para não deixar quem está atrás chegar. A meta principal, desde o início do ano, é ficar na frente do cara que está atrás e, com isso, abrir vantagem aos poucos. É uma série de fatores. Minha meta é chegar na última corrida com uma distância confortável. Eu estou bem tranquilo e

calmo. Estou indo principalmente para me divertir, como eu vou para qualquer corrida, e para ganhar experiência. Eu vou dar o meu melhor e tenho certeza que a equipe vai dar o melhor dela para me entregar um carro bom. Eu sei da minha capacidade e sei o que fiz o ano inteiro.

Quais são os planos para o ano que vem?

O plano é correr na Europa. Tenho que focar na F4 brasileira ainda, mas a ideia principal é correr na Europa. Existem duas categorias que estamos estudando as possibilidades, que são a Fórmula Regional Europeia (Freca) e a F4 Italiana.

A experiência que você teve recentemente correndo na Europa pela primeira vez pode agregar para seus planos futuros?

Foi uma coisa totalmente nova. Fui com a cabeça super aberta para ganhar conhecimento e aprendizado. Nunca tinha corrido em um grid de 30 carros e consegui aproveitar muito bem. A experiência de ter toda hora alguém atrás e alguém na frente te motiva a sempre estar na disputa por posição. Tive que saber lidar com a pressão de ter alguém atrás tentando passar e estar focado na corrida na frente também. Isso foi super importante para a minha carreira.